

VICTORIA HISLOP

HOTEL SUNRISE

Tradução de Elsa T. S. Vieira

Famagusta foi, em tempos, uma cidade próspera com quarenta mil habitantes. Em 1974, quando o Chipre foi invadido pela Turquia, toda a sua população fugiu. Quarenta anos depois, Varosha, como é hoje conhecida a cidade moderna, permanece vazia, isolada atrás do arame farpado erguido pelo exército turco. É uma cidade-fantasma.

1

Famagusta, 15 de agosto de 1972

Famagusta era dourada. A praia, os corpos dos banhistas e as vidas daqueles que lá viviam, tudo era dourado pelo calor e pela sorte.

A areia fina e branca e o mar turquesa aliavam-se para criar a baía mais perfeita do Mediterrâneo, e vinham veraneantes do mundo inteiro para usufruírem do seu calor e gozarem do prazer sensual das águas calmas que lambiam suavemente a praia à sua volta. Era um vislumbre do paraíso.

A antiga cidade fortificada, com as suas robustas muralhas medievais, erguia-se a norte da estância balnear, e os turistas faziam visitas guiadas para aprenderem as suas origens e admirarem os tetos abobadados, os relevos intrincados e os contrafortes do magnífico edifício que em tempos fora a catedral de São Nicolau e que agora é uma mesquita. Viam os vestígios de catorze séculos de história, ouviam falar das Cruzadas, dos abastados reis da dinastia Lusignan e da chegada dos otomanos. Toda esta informação, debitada por um guia bem-intencionado sob o calor do Sol do meio-dia, era logo esquecida assim que regressavam aos hotéis, mergulhavam na piscina e se livravam do suor e da poeira da história.

Eram os progressos do século xx que as pessoas realmente apreciavam, e estas, depois de uma incursão pela história, regressavam alegres ao conforto moderno das paredes lisas, com as suas típicas janelas panorâmicas, abertas para uma vista gloriosa.

As seteiras nas muralhas da cidade antiga eram suficientes para se avistar o inimigo, mas não deixavam entrar quase nenhuma luz e, enquanto a fortaleza medieval fora concebida para manter os invasores do lado de fora, já a cidade nova pretendia atrair gente. A sua arquitetura florescia para fora e para cima, em direção ao azul vivo do céu e do mar, e não para dentro; Famagusta, nos anos 70, era convidativa, luminosa e concebida para acolher os visitantes. A ideia de um invasor que seria preciso repelir parecia de outra época.

Pensada para o lazer, impôs-se como uma das melhores estâncias do mundo, e havia pouco na sua concepção que não tivesse tido em mente o conforto dos turistas. Os edifícios altos ao longo da costa eram, na sua maioria, hotéis com cafés elegantes e lojas de luxo por baixo. Modernos e sofisticados, faziam lembrar os do Mônaco e Cannes, e existiam para o lazer e o prazer, para um novo *jet-set* internacional pronto a ser seduzido pelos encantos da ilha. Durante o dia, os turistas ficavam mais do que satisfeitos com o mar e a areia. Quando o sol se punha, havia centenas de sítios onde podiam comer, beber e divertir-se.

A par dos atrativos turísticos, Famagusta possuía também o porto mais fundo e mais importante do Chipre. Pessoas em destinos distantes podiam desfrutar de uma amostra da ilha, graças aos caixotes de citrinos que dela saíam todos os anos em navios.

Entre maio e setembro, os dias eram essencialmente iguais, com alguns picos de calor em que o sol parecia quase selvagem. O céu estava sempre limpo, os dias eram longos, o calor seco, e o mar refrescante, mas sempre calmo. No extenso areal, veraneantes bronzeados deitavam-se em espreguiçadeiras a beberem bebidas geladas debaixo de guarda-sóis coloridos, enquanto os mais ativos se divertiam à beira da água ou se exibiam em esquis aquáticos, cortando o próprio rasto com ziguezagues hábeis.

Famagusta prosperava a olhos vistos. Residentes, trabalhadores e visitantes, todos gozavam de uma satisfação quase incomensurável.

Ao longo da praia, estendia-se a fila de hotéis ultramodernos, na sua maioria ultrapassando os doze andares. Mais a sul, havia um hotel novo. Tinha quinze andares e era mais alto do que os restantes,

com o dobro da largura, e tão recente que ainda nem tinha a placa com o nome.

Da praia, parecia tão minimalista como os outros e fundia-se na fiada de hotéis que acompanhava a curva da baía. Contudo, quando se chegava pela estrada, era grandioso, com portões imponentes e vedações altas.

Naquele dia quente de verão, o hotel estava cheio. As pessoas não vestiam as indumentárias descontraídas das férias, mas fatos-macacos e roupas de trabalho. Eram empregados, técnicos e artesãos que davam os retoques finais num projeto cuidadosamente concebido. Embora o exterior do hotel parecesse seguir um esquema padronizado, por dentro revelava-se muito diferente dos seus rivais.

Os proprietários aspiravam a uma impressão de «grandiosidade» e consideravam a zona da receção um dos espaços mais importantes do hotel. Devia ser amor à primeira vista para os hóspedes; se não causasse um impacto imediato, falhara. Não havia segundas oportunidades.

A primeira coisa que nele devia impressionar era o tamanho. A um homem, faria lembrar um campo de futebol; a uma mulher, um imenso lago. Ambos notariam o brilho do chão de mármore e sentir-se-iam como se estivessem a caminhar sobre água.

O autor desta visão era Savvas Papacosta. Tinha trinta e três anos, embora parecesse mais velho, com alguns fios grisalhos no seu cabelo escuro e encaracolado. Corpulento, não tinha barba e, naquele dia, como sempre, vestia um fato cinzento (graças ao melhor sistema de ar condicionado disponível no mercado, o calor não se fazia sentir no edifício) e uma camisa creme.

Quase todos os que trabalhavam na zona da receção eram homens. Havia uma exceção, uma mulher de cabelo escuro, impecavelmente arranjada, com um vestido creme: a esposa de Papacosta. Naquele dia, ela estava presente para supervisionar a colocação das cortinas no átrio e no salão de baile, mas, nos meses anteriores, orientara a seleção de tecidos e têxteis para os quinhentos quartos. Aphroditi adorava esse papel e tinha talento. O processo de conceber um projeto para cada quarto, usando um estilo ligeiramente diferente em cada andar, era semelhante ao da escolha de roupas e de acessórios a condizer.

O bom gosto de Aphroditi Papacosta tornaria o hotel, quando terminado, lindo, mas, sem ela, este nunca teria sido sequer construído. O investimento viera do pai, Trifonas Markides, proprietário de vários quarteirões de apartamentos em Famagusta, bem como de um negócio de transportes que lidava com grandes quantidades de fruta e outras mercadorias que saíam do porto de Famagusta.

Markides conhecera Savvas Papacosta numa reunião da associação comercial local. Reconhecera a sede de sucesso no outro homem e recordara-se de si próprio, quando jovem. Demorara algum tempo a convencer a mulher de que um homem que geria um pequeno hotel no extremo menos elegante da praia tinha um futuro prometedo.

– Ela já tem vinte e um anos – disse. – Temos de começar a pensar no casamento.

Artemis considerava que Savvas não chegava aos calcanhares da filha, uma rapariga bonita e culta, e achava-o um pouco «grosseiro» até – não tanto porque os pais dele trabalhavam a terra, mas por os seus terrenos serem pequenos. Trifonas, contudo, via neste potencial genro um investimento financeiro. Tinham discutido já várias vezes os seus planos para construir um segundo hotel.

– *Agapi mou*, ele é muitíssimo ambicioso – garantiu Trifonas a Artemis. – É isso que interessa. Tenho a certeza de que ele irá longe. Tem fogo nos olhos. Consigo falar de negócios com ele, de homem para homem.

Quando Trifonas Markides convidou Savvas Papacosta para jantar, em Nicósia, pela primeira vez, Aphroditi percebeu o que o pai estava a tentar fazer. Não sentiu nenhum *coup de foudre*, mas não tinha conhecido assim tantos rapazes e não sabia, na realidade, o que devia sentir. O que ninguém mencionou, embora o próprio Savvas talvez tivesse reparado, caso olhasse para a fotografia em destaque na parede, foi na semelhança de Savvas com o falecido filho dos Markides, o único irmão de Aphroditi. Era musculado, tal como Dimitris fora, com cabelo ondulado e uma boca grande. Até teriam mais ou menos a mesma idade.

Dimitris Markides morrera aos vinte e cinco anos, a pouco mais de um quilómetro e meio da casa de família, durante os conflitos entre cipriotas gregos e turcos, em Nicósia, no princípio de 1964.

A mãe estava convencida de que ele fora apenas um espectador inocente apanhado no fogo cruzado.

A «inocência» de Dimitris tornara a sua morte ainda mais trágica para Artemis Markides, mas tanto o pai como a irmã sabiam que não se tratara de uma questão de azar. Aphroditi e Dimitris partilhavam tudo. Ela encobria-o quando o irmão se escapulia de casa, mentia para o proteger, e uma vez até escondera uma arma no quarto, certa de que ninguém a procuraria ali.

Os filhos dos Markides desfrutaram de uma educação privilegiada em Nicósia, com verões idílicos em Famagusta. O pai tinha um talento inato no que dizia respeito a investimentos, e já aplicara grande parte da fortuna no *boom* imobiliário que faria florescer a estância balnear.

Depois da morte de Dimitris, tudo mudou. Artemis Markides não conseguia, nem queria, sair do seu sofrimento. Uma sombra emocional e física abateu-se sobre a vida de todos para não mais se erguer. Trifonas Markides enterrou-se no trabalho, mas Aphroditi passava grande parte do tempo presa na atmosfera sufocante de uma casa silenciosa, onde as persianas ficavam muitas vezes corridas o dia inteiro. Ansiava por sair dali, mas a única hipótese de fuga era o casamento, pelo que, quando conheceu Savvas, percebeu que essa podia ser a sua oportunidade.

Apesar da ausência de química entre ambos, estava consciente de que a sua vida seria mais fácil se ela se casasse com alguém que o pai aprovava. Percebeu também que podia ter um papel nos planos hoteleiros de Savvas, o que a seduzia.

Dezoito meses após ter conhecido Savvas, os pais organizaram-lhe o casamento mais grandioso da última década no Chipre. A cerimónia foi oficiada pelo presidente do país, Sua Beatitude, o arcebispo Makarios, e havia mais de mil convidados (que beberam outras tantas garrafas de champanhe francês). O valor do dote da noiva, só em joias, estava calculado em mais de quinze mil libras. No dia do casamento, o pai deu-lhe um colar de raros diamantes azuis.

Poucas semanas depois, Artemis Markides começou a manifestar o seu desejo de se mudar para Inglaterra. O marido continuava a lucrar com o crescimento de Famagusta, e o negócio prosperava,

mas ela já não suportava viver no Chipre. Tinham passado cinco anos desde a morte de Dimitris, mas as memórias desse dia terrível continuavam bem vivas.

– Temos de recomeçar noutro lado – insistiu. – O que quer que façamos aqui, onde quer que vivamos, este sítio nunca mais será o mesmo para nós.

Com grande relutância, Trifonas Markides acedeu. Agora que a filha estava casada, sentia que o futuro dela estava assegurado e que uma parte de si permanecia na terra onde nascera.

Savvas não o desapontou. Provou ao sogro que era capaz de converter um descampado em lucro. Passara a infância a ver o pai e a mãe trabalharem a terra, produzindo apenas o suficiente para viverem. Aos catorze anos, ajudara o pai a construir mais uma divisão na casa. Gostara do trabalho propriamente dito, mas, sobretudo, apercebera-se de que se podiam fazer mais coisas com a terra, além de a lavrar e de plantar algumas sementes. Desprezava o ciclo interminável desse processo. Parecia-lhe absolutamente fútil.

Ao ver o primeiro hotel, um arranha-céus, surgir em Famagusta, fizera um rápido cálculo mental para tentar perceber o potencial lucro se cada acre de terra fosse ocupado em altura, em vez de cavado para aí se plantarem sementes ou árvores que precisavam de cuidados incansáveis e repetitivos. O único problema era como compraria ele os terrenos para pôr o seu plano em marcha. Por fim, depois de vários empregos, de trabalhar noite e dia, e de obter um empréstimo bancário (o gerente do banco reconhecia a ambição pura quando a via), conseguiu juntar o suficiente para comprar um pequeno lote não urbanizado e construir o seu primeiro hotel, o Paradise Beach. Desde então, vira a estância de Famagusta expandir-se, e as suas aspirações crescerem com ela.

Trifonas Markides era um importante investidor no seu novo projeto hoteleiro, e juntos tinham formulado um plano de negócios. Savvas pretendia construir uma cadeia que um dia tivesse um nome internacional tão reconhecido como os hotéis «Hilton».

E agora a primeira fase desse plano estava prestes a concretizar-se. A construção do maior e mais luxuoso hotel de Famagusta terminara. O Sunrise preparava-se para abrir portas.

Savvas Papacosta estava ocupado com a sucessão de pessoas que lhe pediam para inspecionar e aprovar o trabalho delas. Sabia que o resultado final era composto por mil pormenores e interessava-se ativamente por cada um.

Os candelabros estavam a ser içados, e os cristais criaram um caleidoscópio de cores e padrões que dançaram no teto e se refletiram no chão. Savvas não ficou inteiramente satisfeito com o resultado e mandou baixar cada um, apenas dois elos da corrente, o que pareceu duplicar o alcance do padrão.

No centro do amplo espaço havia uma fonte com um trio de del-fins dourados, em tamanho real, os quais davam a sensação de estarem a saltar da água e a fitarem com os seus olhos vidrados quem quer que os observasse. Dois homens ajustavam o fluxo de água que jorrava dos seus bicos.

– Um bocadinho mais de pressão, parece-me – disse Savvas.

Alguns artistas aplicavam meticulosamente folha de ouro nos relevos neoclássicos do teto. Trabalhavam como se tivessem todo o tempo do mundo. A recordar-lhes que não era bem assim, cinco relógios estavam a ser alinhados na parede por trás do balcão de mogno da receção, que se estendia ao longo de trinta metros na parte lateral do átrio. Na próxima hora, seriam postas as placas com os nomes dos principais centros financeiros mundiais, e os ponteiros seriam devidamente ajustados.

Os pilares decorativos, espaçados para fazerem lembrar a antiga ágora na localidade próxima de Salamina, estavam a ser delicadamente pintados com veios para simularem o mármore. Empoleirados num andaime, três homens trabalhavam num mural em *trompe-l'oeil*, no qual se representavam várias cenas clássicas. Afrodite, a deusa da ilha, era a figura central. Nesta imagem, erguia-se do mar.

Nos pisos e corredores superiores, a trabalhar incessantemente, quais abelhas numa colmeia, criadas de quarto, aos pares, estendiam lençóis novos em camas *king size* e enfiavam gordas almofadas de penas nas fronhas.

– A minha família toda podia viver neste quarto – observou uma delas.

– Até a casa de banho é maior do que a minha casa – respondeu a colega, em tom desaprovador.

Riram-se juntas, mais estupefactas do que invejosas. As pessoas que vinham para um hotel destes deviam ser de outro planeta. Na opinião delas, qualquer hóspede que exigisse uma banheira de mármore, e uma cama onde cabiam cinco, devia ser bastante peculiar. Nem lhes ocorreu sentirem inveja.

Os canalizadores que davam os últimos retoques nas casas de banho e os electricistas que corriam para pôr as últimas lâmpadas pensavam o mesmo. Muitos deles viviam amontoados numa casa, três gerações partilhando um espaço comum. Quase conseguiam sentir o hálito uns dos outros enquanto dormiam; aguardavam pacientemente para usarem a casa de banho exterior e, quando a luz do dia desaparecia e as lâmpadas de baixa voltagem começavam a tremeluzir, iam para a cama. O instinto dizia-lhes que extravagância não era sinónimo de felicidade.

Um piso mais abaixo, perto de onde os azulejos de uma piscina interior estavam ainda a ser cuidadosamente aplicados (esta não seria necessária antes de novembro), duas mulheres, ambas com batas de *nylon* brancas, andavam numa azáfama pela sala cheia de espelhos e bem iluminada. Uma delas cantarolava entredentes.

Preparavam o salão de beleza do hotel, e o inventário de tudo o que fora entregue nos últimos dias estava agora concluído. Os secadores mais modernos, rolos de todos os tamanhos imagináveis, tintas para o cabelo e químicos para as permanentes: tudo em ordem. Ganchos e molas, tesouras, escovas e pentes foram arrumados em gavetas ou em carrinhos. O equipamento necessário para arranjar o cabelo era relativamente simples. Tudo se reduzia à habilidade da cabeleireira, como Emine Özkan e Savina Skouros bem sabiam.

Satisfeitas – depois de tudo estar arrumado e em ordem, reluzente e imaculado –, poliram novamente o balcão, limparam os seis lavatórios e deram brilho aos espelhos e às torneiras pela quinta vez nesse dia. Uma delas endireitou os champôs e as latas de laca,

de maneira que a marca, da qual se orgulhavam, se repetisse numa linha perfeita: «WellaWellaWellaWellaWella.»

Esperavam muito trabalho com as hóspedes do sexo feminino, que iam querer o cabelo domado depois de um dia exposto ao sol e à areia. Nos próximos meses, estavam confiantes de que as cadeiras do salão estariam sempre ocupadas.

– Acreditas nisto?

– Nem por isso...

– Temos tanta sorte...

Emine Özkan cortava o cabelo de Aphroditis Papacosta desde que ela era adolescente. Até há pouco tempo, ela e Savina trabalhavam num pequeno salão na zona comercial de Famagusta. Emine costumava vir todos os dias de autocarro de Maratha, uma aldeia a mais de quinze quilómetros de distância. Quando a moderna estância começara a expandir-se e a prosperar, e visto que o marido também arranjava trabalho ali, os dois pegaram na família e foram viver para os subúrbios da cidade nova, que preferiam à antiga cidade fortificada, maioritariamente habitada por cipriotas turcos.

Era a terceira vez que a família de Emine se mudava em poucos anos. Quase uma década antes, eles tinham fugido da aldeia quando esta fora atacada por cipriotas gregos que lhes haviam incendiado a casa. Depois disso, viveram algum tempo num enclave onde contavam com a proteção das tropas das Nações Unidas, antes de se instalarem em Maratha.

Tal como Emine, também Savina não era natural de Famagusta. Crescera em Nicósia, mas o surto de violência entre as duas comunidades, nove anos antes, deixara-lhe profundas cicatrizes. O medo e a desconfiança entre os cipriotas gregos e turcos cresceram de tal forma que foram chamadas as tropas das Nações Unidas para manterem a paz e traçarem uma fronteira através da cidade, conhecida por Linha Verde, dividindo as duas comunidades. Isto afetara muito a vida da sua família.

– Detestávamos estar isolados daquela maneira – explicou a Emine durante um momento de partilha de memórias. – Havia bons amigos que já não podíamos ver. Nem imaginas. Foi terrível. Mas os

gregos e os turcos estavam a matar-se uns aos outros, por isso acho que tiveram de o fazer.

– Em Maratha não era assim. Dávamo-nos bastante bem, nós e os gregos – disse Emine. – Mesmo assim, somos todos muito mais felizes aqui. E *não* quero mudar-me outra vez!

– As coisas também estão melhores para nós – concordou Savina –, mas tenho muitas saudades da minha família...

Agora, a maioria dos cipriotas gregos dava-se bem com os cipriotas turcos, e já ninguém se preocupava com os grupos paramilitares. Ironicamente, a rivalidade e a violência existiam no seio dos próprios cipriotas gregos. Uma minoria queria a *enosis*, a unificação do Chipre com a Grécia, e pretendia alcançá-la através da violência e da intimidação. Isto permanecia escondido dos turistas, e mesmo os habitantes de Famagusta tentavam esquecer a presença dessa ameaça.

As duas mulheres estavam diante do espelho. Eram da mesma altura, ambas entroncadas, e tinham igual corte de cabelo, curto e elegante, e batas idênticas. Os seus olhares cruzaram-se no espelho, e elas sorriram. Emine era dez anos mais velha do que Savina, mas a semelhança entre elas era notável.

Nesse dia, na véspera da inauguração do hotel, a conversa fluía, como de costume, como um rio na primavera. Passavam seis dias por semana na companhia uma da outra, mas nunca lhes faltava tema de conversa.

– A filha mais velha da minha irmã caçula vem cá passar uns dias para a semana – disse Emine. – Tudo o que faz é andar para cima e para baixo, para cima e para baixo, a olhar para as montras. Já a vi. Depois para e olha e olha e olha.

Emine imitou a sobrinha (uma entre um total de quinze sobrinhos gerados até agora pelas quatro irmãs) hipnotizada por uma montra invisível.

– É a que se vai casar?

– Sim, a Mualla. Pelo menos agora tem mesmo coisas para comprar.

– Bom, não faltam lojas para ver.

Famagusta dispunha de uma grande variedade de lojas de noivas, cujas montras estavam cheias de vestidos volumosos de cetim

e renda. A sobrinha de Emine precisaria de vários dias para as visitar a todas.

– Ela quer comprar tudo aqui. Sapatos, vestido, meias. Tudo.

– Posso dizer-lhe onde comprei o meu vestido! – disse Savina.

Enquanto conversavam, as duas mulheres continuaram a arrumar e a limpar. Nenhuma gostava de estar parada nem por um momento.

– E também coisas para a casa. Os mais novos querem mais do que nós tínhamos no nosso tempo. – Emine Özkan não aprovava as ambições da sobrinha.

– Umas toalhas de renda, fronhas bordadas... isso já não é suficiente nos dias que correm, Emine. Confortos modernos, é o que elas querem.

A própria Savina, ao viver nesta cidade em rápido crescimento, onde a indústria ligeira prosperava a par do turismo, desenvolvera o gosto por engenhocas de plástico que tinha ao lado dos utensílios mais tradicionais na sua cozinha.

– Então como é que a senhora Papacosta vai querer o cabelo para a grande inauguração amanhã? Como o usou no casamento?

Aphroditi seria a primeira cliente do novo salão.

– A que horas é que ela vem?

– Às quatro.

Houve alguns segundos de silêncio.

– Ela tem sido muito boa para nós, não tem?

– Sim – respondeu Savina –, deu-nos uma grande oportunidade.

– Mas não será a mesma coisa aqui... – disse Emine.

Ambas sabiam que sentiriam falta da atmosfera da rua Eurípides. O antigo local de trabalho era um ponto de encontro social e um refúgio onde as mulheres iam partilhar segredos íntimos; o equivalente feminino do *kafenion*. Mulheres de rolos na cabeça demoravam-se horas, certas de que as suas confidências ficariam no salão. Para muitas, aquela era a única saída a sério que tinham na semana.

– Não vamos receber as clientes habituais. Mas eu sempre sonhei ter o meu próprio salão.

– E estas senhoras serão diferentes. Talvez sejam mais...

– ... como aquelas? – perguntou Emine, apontando para as fotografias a preto e branco, emolduradas, que tinham sido penduradas

nas paredes nesse dia. Mostravam uma série de modelos glamorosas com penteados de noiva.

– Imagino que tenhamos bastantes casamentos.

Haviam feito tudo o que podiam, por agora. No dia seguinte começariam a receber marcações. Savina apertou o braço da colega e sorriu.

– Vamos embora – disse. – Amanhã é um dia importante para todos nós.

Penduraram as batas brancas e saíram do hotel por uma porta nas traseiras.

Além dos hotéis, o turismo era fonte de rendimento para milhares de pessoas dos restaurantes, bares e lojas. Muitas famílias tinham sido atraídas pelas oportunidades comerciais, mas também pela beleza lânguida da cidade, que apreciavam tanto como os estrangeiros.

Os habitantes locais, sobretudo os rapazes, partilhavam o mar e a areia com os hóspedes dos hotéis. Na verdade, este convívio terminava frequentemente com promessas de amor eterno e lágrimas no aeroporto.

Nessa típica tarde de verão, um menino de talvez três anos brincava na praia em frente ao Sunrise. Estava sozinho, indiferente a tudo o que o rodeava, a escorrer areia de uma mão para a outra, a cavar mais e mais fundo, à procura do sítio onde esta se tornava fria.

Uma e outra vez, passava a areia entre os pequenos dedos. Pe-neirava-a e filtrava-a até restarem apenas os grãos mais finos, que escorriam como água quando ele levantava as mãos e os devolvia à praia. Era uma ação da qual parecia não se faltar.

Durante uma hora, nessa tarde, observara o grupo de rapazes, mais velhos e altos, que jogavam polo na água, e sonhara com o dia em que seria suficientemente grande para se juntar a eles. Por enquanto, tinha de ficar ali sentado à espera do irmão, que era um dos jogadores.

Hüseyin arranajara um emprego de verão a montar espreguiçadeiras na praia e a recolhê-las, mas, quando o horário de trabalho terminava, entrava imediatamente na água para jogar. Desde que

um treinador lhe dissera que ele tinha grande potencial atlético, estava dividido entre dois sonhos: ser jogador profissional de voleibol ou jogador de polo aquático. Talvez pudesse combinar ambos.

– Temos de te pôr com os pés no chão! – brincava a mãe.

– Porquê? – perguntava o pai. – Olha para ele! Com aquelas pernas tão fortes tem tantas hipóteses como qualquer outro.

Mehmet levantou-se e acenou quando viu Hüseyin a subir a praia. Já não era a primeira vez que Hüseyin, sempre com a cabeça nas nuvens, se esquecera de que estava a tomar conta do irmão e fora para casa sem ele. Mehmet não correria qualquer perigo, não fosse a falta de orientação típica de uma criança de três anos que provavelmente o faria ir na direção errada. Na aldeia onde os pais tinham nascido, muitos anos antes, uma criança pequena sozinha nunca se perdia. Famagusta era um mundo à parte.

A mãe de Mehmet dizia-lhe frequentemente que ele era um pequeno milagre, mas a alcunha que Hüseyin lhe dera, «pequena praga», parecia-lhe mais verdadeira. Era assim que ele por vezes se sentia quando estava junto dos dois irmãos mais velhos.

– Vamos, Mehmet, está na hora de ir para casa – disse o rapaz mais velho, dando uma sapatada amigável na cabeça do irmão.

Com a bola numa mão e a outra na do irmão mais novo, Hüseyin encaminhou-se para a estrada. Logo que chegaram ao alcatrão, começou a bater com a bola no chão. Ambos ficaram hipnotizados com a repetição. Por vezes, conseguia levá-la assim até casa, uma caminhada de quinze minutos, sem quebrar o ritmo uma única vez.

Estavam tão absorvidos que não ouviram os seus nomes.

– Hüseyin! Mehmet! Hüseyin!

A mãe, a cem metros da entrada de pessoal do Sunrise, acelerou o passo para os apanhar.

– Olá, meus queridos – disse, e pegou Mehmet ao colo. Ele detestava que a mãe o levasse assim na rua e contorceu-se furiosamente. Não era nenhum bebé.

Ela beijou-o na face antes de o pôr no chão.

– Mamã...

A alguns metros, havia um cartaz publicitário: a imagem de um rapaz alegre, com um sorriso radiante e atrevido, na mão um copo

de limonada com gás. Mehmet olhava para esta imagem todos os dias e nunca perdia a esperança.

Emine Özkan sabia o que ele lhe ia pedir.

– Por que razão queres uma bebida que foi enfiada numa garrafa quando podes ter uma fresca? Não faz sentido.

Assim que chegassem a casa, daria a Mehmet um copo com um líquido adoçado com muito açúcar mas, apesar disso, suficientemente azedo para o fazer contorcer-se – e sem bolhas. Um dia, depois de um jogo de polo do qual sairia triunfante, Mehmet iria a um quiosque e compraria, ele próprio, uma garrafa. Esta faria um estalido sonoro quando ele tirasse a carga, e as bolhas fluiriam.

Um dia, pensou Mehmet, um dia.

Tanto Mehmet como Hüseyin davam muito valor aos sonhos.